

A TRANSMISSÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA A PARTIR DAS BRINCADEIRAS INFANTIS NA ESCOLA

Elis Denise Lélis dos Santos¹
Luciano Nery Ferreira Filho²
Tiago Jessé Souza de Lima³

RESUMO

Este artigo tem por objetivo geral avaliar o processo de transmissão dos papéis gênero na infância a partir das brincadeiras infantis que se dão no âmbito escolar; identificar os papéis masculinos e femininos delineados na infância; avaliar como as brincadeiras fazem a transmissão dos signos do gênero para a criança e observar como a mesma se coloca diante do Gênero. O estudo foi baseado em uma coleta de dados adquiridos por meio da observação semi-estruturada. Serviram como base teórica para orientar o trabalho de campo e a interpretação dos dados colhidos a obra das autoras Hellen Bee, Joan Scott e Guacira Lopes que tratam sobre a investigação da constituição da identidade de gênero no campo social, sua função e sua atuação na formação da subjetividade do sujeito. Utilizamos, também a obra de autoras como Daniela Finco, Fernanda Wanderlind e Jucélia Santos que tratam especificamente da relação entre identidade de gênero e brincadeiras infantis.

Palavras-chave: Brincadeira, Papéis, Gênero, Escola e Identidade.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano é um processo de evolução e transformação nos estratos físicos, cognitivos, comportamentais e emocionais que acontece ao decorrer da vida; cada um possuindo características próprias. A infância é um período particular no desenvolvimento e embora possa ser entendida a partir de linhas gerais e uniformes é necessário ressaltar que cada criança é um indivíduo e seu processo de crescimento se dá com as devidas particularidades em relação às demais. Segundo Arries (1975, p. 50), o conceito de criança e infância é uma invenção da Modernidade, pois, até então, eram vistas como um adulto em miniatura, cuja relação com o mundo não era diferenciado ao adulto. No entanto, nesse período, a partir da institucionalização da família, é dado funções sociais para cada membro e a criança começa a ser desenhada no signo da infância.

A partir do nascimento do bebê o seu sexo é determinado por um conjunto de características biológicas que permite a diferenciação anatômica sobre quem são os homens e

1Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC)-CE e graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) - CE, elisdenselelis@gmail.com;

2Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)-MG, luciano.nery@seduc.ce.gov.br;

3Professor Orientador Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)-PB, tiago.souzalima@outlook.com.

quem são as mulheres. Contudo, o gênero desse bebê, ou seja, o conjunto de características culturais e atribuições sociais do que significa ser mulher e homem, convencionadas socialmente e que sofrem variações de uma cultura à outra e ao longo da história, é delineado principalmente no decorrer de sua infância. De acordo com Louro (1997, p. 77), o gênero se refere “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”:

Desse modo gênero pode ser entendido como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres." (Scott, 1995, como citado em Finco, 2004)

O atravessamento dos papéis de gênero estabelecidos socialmente em direção à subjetividade infantil se dá através de diversos mecanismos de agenciamento, situando-se a brincadeira ou o brincar como um, pois esses possibilitam um arcabouço lúdico essencial para a aprendizagem e significação sobre os territórios femininos e masculinos:

A brincadeira é uma atividade muito presente na infância e se caracteriza como um dos principais processos em que são desenvolvidas as capacidades e potencialidades da criança [...] a brincadeira também é uma relação com a atividade cultural do indivíduo (Brougère, 1998). Carvalho e Pedrosa (2007) afirmam que o grupo de brincadeira é um espaço propício para a transmissão da cultura. Ao brincarem com os conceitos e valores culturais as crianças estão em processo de questionamento e reconstrução da cultura.(Cardozo et al, 2008, p. 3)

Em suma, a brincadeira infantil serve como vetor para a transmissão das semióticas culturais de uma sociedade, fazendo com que desde cedo as crianças possam ser assimiladas nas formatações sociais. Neste sentido, essa pesquisa tem o escopo de investigar as brincadeiras lúdicas a fim de compreender como estes transmitem os papéis de gêneros entre crianças com idade de cinco anos, possuindo como objetivos específicos: identificar os papéis masculinos e femininos delineados na infância; avaliar como as brincadeiras fazem a transmissão dos signos do gênero para a criança e observar como a mesma se coloca diante do Gênero.

O desenvolvimento infantil, segundo Arioli (2007) não deve ser analisado apenas como um processo de adaptação cognitivo e comportamental da criança, bem como a brincadeira

algo instintivo da mesma, mas, também, como dinâmicas que dependem das relações sociais externas, ou seja, a brincadeira cumpre um papel social de transmissão de elementos culturais que a criança deve apreender. Diante do exposto, a escolha do tema deste estudo se deu pela vontade de aprender, compreender e observar como as atividades lúdicas, mais especificamente as brincadeiras, são vetores de transmissão das identidades de gênero, articulando os dados observados na prática com a bibliografia específica analisada.

Neste estudo, embora os dados sejam insuficientes para uma afirmação pontual sobre a temática, a presença do binarismo nos papéis de gênero foi presente na turma observada e que mesmo a temática estando no dia a dia da escola, a discussão ainda está longe na formação do professor, pois a ausência do assunto não significa sua inexistência.

É mister salientar que a produção acadêmica em torno da questão de gênero além de ser recente, é incipiente, principalmente no tocante à investigação sobre a constituição da identidade de gênero na infância. De acordo com Faria (2002 como citado em Finco, 2004, p. 4) a pesquisa educacional que se debruça sobre desenvolvimento infantil raras vezes se propõe a discutir também a questão de gênero e em como esta influencia naquele. Além disso as investigações em torno do gênero também pouco levam em conta as distinções de idade e articulação entre gênero e infância.

METODOLOGIA

Para a formação do presente artigo foi observada uma turma de quinze crianças em idade de 5 anos, cursando o Infantil V, sendo 8 meninas e 7 meninos. As crianças foram observadas na sala de aula, no refeitório e no pátio que é disponibilizado para o recreio das mesmas em seu intervalo.

A coleta de dados em campo foi baseado em uma observação etnográfica do território escolar onde as crianças estão inseridas: seus arranjos físicos, espaciais e simbólicos, bem como a observação da dinâmica rotineira das mesmas: seu desempenho em atividades escolares, seus comportamentos e falas. Anotamos tudo que observamos diretamente ligado ao nosso projeto e além disso, conversamos com a professora e tiramos algumas dúvidas que tinham ficado pendentes.

Para desenvolver o artigo em questão foi necessária a realização de observações semanais, sendo 2 horas por semana durante o período de sete de março e dezoito de abril. É importante ressaltar que as identidades das crianças utilizadas como sujeitos de pesquisas para este artigo serão mantidas em sigilo. As observações foram realizadas com o consentimento e autorização da respectiva instituição de ensino.

Após as primeiras orientações com o orientador, fomos procurar escolas onde seria possível a observação das crianças, ao longo de algumas pesquisas foi escolhida uma escola localizado no bairro Edson Queiroz em Fortaleza. Os profissionais da escola, em específico a Diretora, a Coordenadora e a Professora da turma do Infantil V, foram muito receptivas a nossa presença, organizando o cronograma de visitação e mostrando os diversos locais do l e alguns aspectos das dinâmicas que ocorrem nesta.

O presente artigo possui caráter de pesquisa qualitativa, pois “tem como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural.” (Godoy, 1995). Enquadrou-se qualitativamente também por ter estabelecido o contato direto do pesquisador com o sujeito da pesquisa a fim de compreender as brincadeiras infantis e suas atividades lúdicas como vetores de transmissão do papel de gênero.

Foi baseado em uma coleta de dados adquiridos por meio da observação que faz “uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários sobre aspectos do cotidiano” (Gil, 2008) e que “não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (Marconi e Lakatos, 2002).

Todo trabalho teve supervisão do professor Tiago Jessé.

DESENVOLVIMENTO

Serviram de base teórica para orientar o trabalho de campo e a interpretação dos dados colhidos a obra da autora Hellen Bee, *A criança em desenvolvimento* (2012), na qual defende a ideia que tanto os fatores biológicos quanto os culturais e a interação entre ambos são importantes para a compreensão do desenvolvimento da criança.

Nessa perspectiva, Joan Scott em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995) e Guacira Lopes em *Gênero, sexualidade e educação* (1997) tratam sobre a investigação da constituição da identidade de gênero no campo social, sua função e sua atuação na formação da subjetividade do sujeito: compreensão de mundo, forma de portar-se, sentir-se, entre outros. Para Joan Scott, embora haja diferenças biológicas entre os corpos masculinos e femininos, o que a interessa são as formas como se constroem os significados culturais para essas diferenças e assim constituindo as relações de poder entre homens e mulheres. Tese defendida, também, por Guacira Lopes que propõe um rompimento do pensamento dicotômico masculino em oposição ao feminino fundamentado em símbolos

culturais e conceitos normativos. A autora alega a existência de um pensamento reducionista que as relações de gênero se produzem na e pelas relações de poder.

Utilizamos também a obra de autoras como Daniela Finco em *Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil* (2013) e *Educação Infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões* (2013), Fernanda Wanderlind em *Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares e escolares na brinquedoteca* (2006) e Jucélia Santos em *Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre as crianças e a construção social das diferenças* (2006) que tratam especificamente da relação entre identidade de gênero e brincadeiras infantis. Em suma, as pesquisadoras questionam a naturalização de que meninos e meninas possuem papéis e comportamentos pré-definidos, refletem sobre a troca de papéis sexuais nas brincadeiras e discutem o papel do professor e da escola nesse contexto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção da subjetividade da pessoa começa desde logo seu nascimento, toda a miríade de informações sensoriais que serão significadas e armazenadas se iniciará na infância. Nesse período a produção cultural que se coloca na criança serve para delinear seu comportamento de acordo com o que se espera desta socialmente e isso é feito através de diversos mecanismos que servirão de canais para a transmissão e a significação das normatividades sociais. Desta forma, a brincadeira infantil e o âmbito escolar são potentes vias para o acontecimento desse processo:

As normas sociais prescrevem posturas, comportamentos, atitudes diferenciadas para homem e mulheres. Desde a infância, tais atitudes são enraizadas através dos relacionamentos na família, na escola, construindo assim valores, nem sempre explícitos, mas que sutilmente determinam nossos comportamentos.(Finco, 2004,p.1)

O período da infância é identificado como uma fase onde a criança possui uma plasticidade cognitiva e comportamental muito alta. No entanto, observou-se na turma em estudo que em relação às questões de gênero já estava significativamente normatizadas.- "o que é de menino e o que é de menina".

De acordo com Beraldo (1993, como citado em Wanderlind, 2006, p.2) aos três anos de idade, as crianças já possuem uma capacidade definida de produzir nomenclaturas de gênero, tanto a si, como a outrem, demonstrando preferência por brincar com coletividades do

mesmo sexo, o que se mantém até boa parte do ensino fundamental. Contudo, uma grande parte dessas também brincam em grupos mistos.

O fato de crianças com tão pouca idade, cinco anos no caso, já estejam normatizadas quanto ao gênero e reiterar o discursos advindo desse demonstra que há vários campos sociais que atuam na criança desde cedo para que ela se conecte à semiótica correspondente ao seu sexo biológico. Durante o período de observação foram demonstrados fatos em conversas, brincadeiras e formas de se portar que evidenciam a potência da identidade de gênero no corpo humano. Contudo, ressalta-se que houveram casos específicos os quais pareceram acontecer uma saída ou resistência quanto à norma do gênero.

A escola onde foi realizada a observação não possui um projeto pedagógico em torno da discussão e da desconstrução dos papéis de gênero na infância, demonstrando a necessidade da inclusão da temática em sua proposta de atuação política pedagógica. Além disso, os fatos encontrados na literatura acadêmica revelam que a escola, assim como outras instituições sociais, é um campo para o agenciamento e manutenção de semióticas culturais dentre elas os padrões concernentes ao gênero:

[...] ainda nos dias de hoje, na educação de meninos e meninas, os gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninas e meninos, tornando-se parte de seus corpos, constituindo suas identidades: Hoje sob novas formas, a escola continua imprimindo sua marca distintiva sobre os sujeitos. Através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes. (Louro, 1997, p. 61 como citado em Finco, 2004, p.7)

Os espaços da Escola onde foi realizada a observação é dividida tradicionalmente em salas de aulas de acordo com as séries, pátios para brincadeiras, sala de informática, de música, refeitório, banheiros e salas de professores e direção. A sala de aula é disposta em quatro mesinhas pequenas onde ficam quatro crianças sempre de ambos os sexos em cada, o que permite uma interação grupal maior. Contudo, observou-se algumas vezes que sem a intervenção da professora sentavam-se em algumas mesas apenas meninos e em outras apenas meninas.

Embora não fosse uma regra rígida observou-se que esse comportamento também ocorria em outros espaços e situações como na hora do recreio e na hora da merenda no refeitório. Pode-se observar que nesses momentos não havia intervenção da professora quanto à alocação do grupo: as crianças sentavam-se de forma aleatória, contudo nota-se que a maior

parte dos meninos sentava próximo a outros enquanto a maior parte das meninas sentava próximo as outras; havia grupos mistos também.

A divisão de meninos e meninas nos chamados "clube do bolinha" e "clube da luluzinha" não deve ser encarado como um comportamento infantil que busca naturalmente a identificação do seu gênero, mas como o resultado de um processo cultural de agenciamento que é iniciado e reiterado pela família, escola, entre outros. Esse processo limita as possibilidades de ser da criança, pois constantemente em contato com a simbologia que carrega os "clubes" supracitados sua subjetividade, bem como, seu repertório comportamental ficará cristalizado dentro desses, havendo pouco espaço para intercâmbio entre esses territórios e reiterando a diferença existente entre os gêneros quanto à possibilidade de ser. Em suma, acentua-se o sexismo, por exemplo: a menina se construirá em torno do signo feminino com brincadeiras que reproduzem afazeres domésticos e de cuidado, fechando possibilidades quanto a outros tipos de brincar e de se portar:

As meninas tem total liberdade para serem cozinheiras, cabelereiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras, etc, e os meninos são livres para ser índios, ladrões de gados, bandidos, policiais, super homens, tigres ferozes ou qualquer outro elemento da fauna agressiva. (Moreno, 1999, p. 32 como citado em Santos, 2004, p. 39)

A transmissão dos papéis de gênero através da brincadeira foi bem observado quando em uma aula a professora, no dia anterior, solicitou à turma que trouxesse um brinquedo de casa para brincar na sala de aula. As crianças sem nenhuma intervenção da professora dividiram-se em dois grupos, um apenas de meninos e outro apenas de meninas. As meninas brincavam com o ato de cuidar de bonecas como se fossem suas filhas: banhavam, balançavam, colocavam para dormir etc. O grupo somente de meninos brincavam com bonecos que imitavam heróis e com carrinhos e motos. A dinâmica da brincadeira deles era de luta entre os bonecos e de corrida entre o carro e a moto; depois passavam a brincar de polícia e ladrão com os brinquedos.

A fala também foi outro aspecto muito característico da normatização das crianças em torno do gênero. Em uma mesa haviam quatro crianças do sexo masculino sentadas e antes da professora iniciar as atividades diárias, os meninos brincavam dizendo serem os heróis da série de televisão *Power Rangers*. Quando um falou que seria o herói de cor lilás (que não existe na série) imediatamente os outros afirmaram que ele não poderia ser lilás, pois a mesma era cor de menina. Esse caso demonstra que as crianças já percebem a diferenciação

simbólica entre o feminino e o masculino e que um não pode se conectar ao outro em um mesmo corpo, ou seja, se você é menino deve gostar de "coisas de menino" e vice versa.

Outro exemplo que serviu para ilustrar esse fenômeno da reiteração da norma foi quando na ida para o ensaio da apresentação artística da Páscoa, uma menina que estava na fila ao ver seu colega com a mão na cintura logo falou a ele "menina com mão na cintura e menino com a mão para trás" o que foi anuído pelo restante da fila e conseqüentemente fez com o menino que estava com a mão na cintura colocasse-a para trás.

Foi observado, contudo, que embora a normatividade do gênero já atue sobre as crianças modelando-as em gostos, falas e posturas condizentes com aquilo que é prescrito socialmente ao seu sexo biológico, a brincadeira também permitiu uma resistência quanto a essa. Ainda no dia em que as crianças trouxeram seus brinquedos, passado o primeiro momento onde houve a separação da turma em grupos de meninas e outro de meninos somente, em um segundo os meninos e as meninas começaram a interagir mais. Formou-se um grande grupo misto com brincadeiras de ambos os sexos: carrinho, moto, bonecos e bonecas, mesclando também atividades as quais o menino cuidava da boneca e as meninas dirigiam o carro, por exemplo. As crianças experimentaram dinâmicas de trocas, experimentações, transgressões e resistências aos modelos pré determinados de brincadeiras e comportamentos de menino e menina. Em um estudo observado por Finco (2004, p. 9) demonstrou-se que:

[...] foram registradas brincadeiras coletivas, nas quais meninos e meninas se revezam nos papéis, sem menosprezar ou desprezar papéis considerados masculinos ou femininos, a criança buscava um companheiro para brincar e vivenciar momentos agradáveis, não importando se é homem ou mulher, se é menino ou menina.

Outro momento observado foi em uma brincadeira de super heróis na fila para ir ao refeitório. As crianças fantasiavam juntas serem personagens fictícios como *Hulk*, *Superman* e *Batman*, no caso dos meninos e "Mulher Aranha e Mulher Batman", no caso das meninas, demonstrando uma certa ruptura no enrijecimento da brincadeira onde meninos brincam de heróis e meninas brincam de afazeres domésticos e familiares. Neste sentido verifica-se que a brincadeira proporciona a criança além de uma transmissão de semióticas culturais, uma forma de abranger sua capacidade de imaginação e concomitantemente de expandir seu repertório cognitivo e comportamental através de trocas e experimentações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos analisar o processo de transmissão dos papéis gênero na infância a partir das brincadeiras infantis que se dão no âmbito escolar. Assim, observamos como se dá a identificação dos papéis masculinos e femininos delineados na infância, de que forma as brincadeiras fazem a transmissão dos signos do gênero para a criança e como a mesma se coloca diante do Gênero.

Entretanto, embora os dados sejam insuficientes para uma afirmação pontual sobre a temática, é possível presenciar o binarismo nos papéis de gênero na turma. Vale ressaltar que, durante os momentos da prática de observação, não registramos nenhuma fala e ou ação por parte da professora que pudesse fortalecer a marcação dos papéis de gênero. Entretanto, não houve nenhuma intervenção para a desconstrução do binarismo. A respeito disso, Finco (2013, p.15) discorre que:

Ao propor a desconstrução, Scott (1994) demonstra que o pensamento moderno é marcado por dicotomias: presença / ausência, teoria / prática, ciência / ideologia, homem / mulher, etc. Neste “jogo das dicotomias”, os dois pólos diferem e opõem-se, marcando a superioridade do primeiro elemento. É dentro desta lógica que aprendemos a pensar; a proposta que se coloca é a da desconstrução das dicotomias.

Assim, percebemos que embora a temática esteja no dia a dia da escola, a discussão ainda está longe na formação do professor, pois a ausência do assunto não significa sua inexistência. Desta forma, concordamos com Finco (2013, p.16) quando diz que “o primeiro passo é reconhecer que a escola não está neutra; ela participa sutilmente da construção da identidade de gênero e de forma desigual”. Como podemos observar na pesquisa, para as crianças a concepção de homem e mulher não está limitada apenas ao fisiológico, mas também com concepções sociais apreendidas na família e também no contexto escolar. Desta forma, é necessário que o educador esteja minimamente preparado para essas questões não somente quando surgir algum momento pontual, pois a escola é um campo propício para a reflexão e prevenção de comportamentos preconceituosos e ou violentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEE, H., Boyd, D. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artimed, 2011.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, 1995.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

RIBEIRO, J. S. B. **Brincadeiras de meninas e de meninos**: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. 2006. 24 p. Artigo Acadêmico (Ciências Sociais)- Ciências Sociais, UEFS, Bahia, 2006.

WANDERLIND, F. et al. **Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares e escolares na brinquedoteca**. Paidéia, Santa Catarina, p. 263-273, nov. 2006.

FINCO, D. **Educação infantil, gênero e brincadeiras**: das naturalidades às transgressões. 2004. 18 p. Artigo Acadêmico (Desc.)-FAPESP, [S.l.], 2004.